

A *coupure* como segredo do entendimento e o desentendimento das categorias: Althusser e a cientificidade de Marx¹

Antônio José Lopes Alves²

Resumo:

Neste artigo discutem-se aspectos importantes da interpretação elaborada por Althusser acerca da cientificidade da obra marxiana de maturidade. O exame aqui realizado se volta em especial a *Lire Le capital* e *Pour Marx*. Neste sentido, a abordagem do autor francês se efetiva pressupondo uma aproximação investigativa que teve o pensamento de Marx por objeto e a todo momento recorre ao cotejamento da leitura althusseriana com a propositura da crítica da economia política da maturidade.

Palavras-chave: Althusser; corte epistemológico; Marx; crítica da economia política.

The coupure as a secret of understanding and the misunderstanding of categories: Althusser and the Marx's scientificity

Abstract:

In this article we discuss important aspects of the interpretation elaborated by Althusser about the scientificity of Marx's mature work. In this sense, the approach of the French author effectively assuming an investigative approach that had the thought Marx by object and every moment makes the readback feature of Althusser's reading with the filing of the critique of political economy of maturity.

Key words: Althusser; epistemological cut; Marx; critique of political economy.

¹ Revisado por Vânia Noeli Ferreira de Assunção.

² Doutor em filosofia, professor do Colégio Técnico (Coltec) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Endereço eletrônico: ajlopesalves@gmail.com.

O presente artigo tem como objeto de discussão o pensamento de Althusser. No entanto, não se propõe aqui um exame de toda a obra do autor francês, nem mesmo, sob forma sumária, o debate dos principais aspectos de sua obra ou das metamorfoses que se podem apontar no curso do desenvolvimento de sua reflexão. Oriundo de trabalho de pesquisa acerca do caráter próprio da cientificidade marxiana na crítica madura da economia política, o qual resultou em tese de doutorado, o trabalho aqui apresentado tem como centro o modo como Althusser se posiciona numa questão bem específica: aquela das relações de Marx com a filosofia hegeliana, no ato de sua delimitação do caráter científico da obra marxiana. Trata-se, em poucas palavras, da conhecida tese de uma “cesura epistemológica” no curso de constituição do pensamento do autor de *O capital*. Duas obras caracterizam bem a posição althusseriana acerca da fundamentação epistêmica da crítica da economia política: *Pour Marx e Lire Le capital*, as quais abordaremos a seguir, buscando delinear o modo como o pensador francês pretende resolver a questão do caráter da cientificidade marxiana.

Em *Pour Marx*, num primeiro momento, a “prática teórica” marxiana se caracteriza predominantemente por um caráter ideológico, ou seja, *filosófico*: a concepção de que a ciência começa pela abordagem direta dos entes ou por meio da extração das categorias pela abstração daqueles. E isto mesmo no interior da crítica de Marx à especulação hegeliana, à identificação de ser e ideia. Para precisar este problema, Althusser toma para exame as objeções marxianas contidas em “Mistérios da construção especulativa”, capítulo de *A sagrada família*. No capítulo em questão, Marx resume a forma geral da especulação, bem como aponta sua crítica a partir da exposição do método da especulação, como extensão ontologicamente indevida da abstração, servindo-se discursivamente de uma imagem, a relação entre as frutas e o conceito de fruta. Ressaltando o caráter indevido da especulatividade em geral, o fato de tornar a abstração “fruta” o ser e a verdade das frutas existentes, Marx afirmaria, para Althusser, ser o conceito algo extraído diretamente dos entes. O filósofo alemão teria então invertido a relação entre ideia e ser que havia no método de Hegel.

Nessa simplicidade, segundo Althusser, esta inversão não basta para fundar um padrão de cientificidade, em razão de não ter ainda “conscientemente abandonado a ideologia empirista que permitia sustentar que um conceito científico é produzido exatamente como o conceito geral de ‘fruta’ seria produzido pela abstração operando sobre frutas concretas” (ALTHUSSER, 1965, p. 194). Neste sentido, a extração de pontos comuns, de produção de conceitos, não se constitui ainda em momento propriamente dito do processo científico. Assim sendo, “o ato de

abstração, o qual extrairia dos indivíduos concretos sua pura essência, é um *mito ideológico*” (ALTHUSSER, 1965, p. 195). Contrapondo-se à própria ideia de uma inversão da dialética idealista, Althusser propõe que em dado momento Marx põe em marcha uma “teoria pura”, não contaminada por elementos ideológicos (DOSSE, 1993, pp. 337-40).

Além disso, e da separação radical entre ciência e ideologia, é importante ressaltar igualmente outro aspecto característico da tematização althusseriana, a diferença entre objeto e objeto do conhecimento. Indicando os níveis de abstração sob os quais entende dividir-se o andamento da cientificidade, adverte que não se deve confundir o primeiro nível de generalidade, no qual as abstrações são extraídas, com o último, em que se têm propriamente as categorias científicas. No *intermezzo* destes dois graus de generalidade aconteceria o momento de elaboração metódica dos conceitos propriamente ditos, os “fatos científicos” sobre os quais laboraria a prática científica, o objeto desta prática. Deste modo, à ciência caberia, pois,

elaborar seus próprios fatos científicos, por meio de uma crítica dos “fatos” *ideológicos* elaborados pela prática teórica ideológica anterior. (...) elaborar sua própria “teoria”, pois o fato científico – e não o dito fenômeno puro – não é identificado senão no campo de uma prática teórica (ALTHUSSER, 1965, p. 187).

Entre categoria e ente abre-se um abismo que a laboração científica virá a preencher. Enquanto linha temática mais que conhecida, a decisão acerca de quando começa efetivamente a “ciência de Marx” fornece ao mesmo tempo uma indicação que a une a todas as demais linhas de abordagem da obra marxiana: a aproximação por vias extrínsecas à própria obra. O problema central seria assinalar em que momento preciso sua reflexão se aparta de temas, questões ou procedimentos não científicos. No caso em pauta, a utilização da noção de *ruptura epistemológica*, oriunda da reflexão de Bachelard sobre os desenvolvimentos da física contemporânea, como metro da cientificidade. Neste contexto,

a prática teórica se distingue sempre claramente da prática teórica de sua pré-história: esta distinção toma a forma de uma descontinuidade “qualitativa” teórica e histórica, que podemos designar, com Bachelard, pelo termo “corte epistemológico” [*coupure épistémologique*] (ALTHUSSER, 1965, p. 168).

Pretende Althusser, por via daquele instrumento *metateórico*, centrar sua análise além do próprio corte e colocar-se no interior da “prática científica” marxiana uma vez já constituída, flagrando a série de procedimentos que informam seu método e a construção de seu objeto.

Em *Lire Le capital*, Althusser desdobra a investigação acerca do estatuto da cientificidade marxiana num sentido vertical. Ou seja, não se

trata apenas de investigar no nível mais geral o que fundamenta a ciência de *O capital*, mas de buscar na *leitura filosófica* desta obra o que a anima e sustenta como exercício científico. Nesse contexto, a questão que se pretende responder é precisamente aquela legada pela tradição do marxismo, quando esta tomou o próprio pensamento maduro de Marx como objeto:

O capital se distingue, então, da economia clássica não por seu objeto, mas unicamente por seu método, a dialética tomada de empréstimo a Hegel? Ou, antes, totalmente ao contrário, *O capital* constitui uma verdadeira mutação epistemológica em seu objeto, sua teoria e seu método? (ALTHUSSER, 1973, pp. 11-2)

Althusser toma aqui o epistemológico como uma totalidade de aspectos que determinam e estão implicados na definição do que efetivamente pode qualificar um discurso como científico. Nesse sentido, o problema dessa determinação não se resume à resolução do método. Ainda que este continue a ser o momento predominante do exercício da cientificidade, o filósofo da *École Normale* não o toma como aquele que genética e conceitualmente põe o discurso e a prática de uma ciência. Tomando agora a obra que realiza a crítica da economia política em sua feição mais madura como objeto de inquirição, Althusser amplia e ao mesmo tempo circunscreve o sentido da pesquisa pela fundamentação epistemológica da ciência marxiana. Amplia, à medida que tenta apreender o que, para ele, constitui o todo da prática científica de Marx, mas igualmente circunscreve, porquanto passa a considerar *O capital* uma totalidade científica em si. Para Althusser, *O capital* se define como “la fondation en acte d'une science” (ALTHUSSER, 1973, p. 12).

Em outros termos, o essencial da nova posição científica inaugurada por Marx deve ser encontrado na análise interpretativa de sua obra mais acabada, conforme Althusser. Muito embora ainda reconheça a importância de momentos anteriores para a posição da *cesura epistêmica* – como o que se consubstancia em *Die deutsche Ideologie*, por exemplo –, não mais avalia que nestes possa estar o que é mais central para o correto entendimento da crítica de Marx aos clássicos da economia política. Com referência a este problema em especial, assevera explicitamente que,

nós pusemos a *O capital* a questão da diferença específica, tanto de seu objeto quanto de seu discurso, perguntamos, em cada passo de nossa leitura, em que o objeto d'*O capital* se distingue não somente do objeto da economia clássica (e mesmo moderna), mas também do objeto das obras de juventude de Marx, em particular do objeto dos *Manuscritos de 44* (ALTHUSSER, 1973, p. 11).

Uma pressuposição essencial que permanece aqui intocada é a da radical distinção entre o *Jovem Marx* e o *Marx Maduro*. De um lado da

linha temporal epistêmica, está o pensador que arrimaria suas reflexões, mesmo aquelas voltadas às produções de cientificidade de ponta de seu tempo, sobre a base de uma posição ideológica, imediatamente filosófica e referida a uma *ideia de essência do humano*. Na outra ponta, localiza-se o cientista propriamente dito, que se põe a escarafunchar metodicamente um objeto novo, antes, melhor, a posicioná-lo como objeto de ciência. Não mais o *homem* e sua *essência genérica*, mas a produção humana, a atividade da riqueza, categorialmente configurada, teoricamente posta em independência para com as demais dimensões da vida social. Trata-se, pois, de um duplice contraste entre dois períodos da produção intelectual marxiana.

A metateoria acima referida atinge nesse escrito o nível de particularização que pretende esclarecer em detalhes a constituição de uma ciência. Mas não é, ao mesmo tempo, e por isso mesmo, a propositura de uma leitura particular. Não é uma aproximação cuja meta seria a da explicitação de aspectos de *O capital* atinentes a cada uma das ciências humanas e sociais isoladamente. Ao contrário, é “la question de la nature du type de discours mis en oeuvre pour traiter de cet objet, la question du discours scientifique” (ALTHUSSER, 1973, p. 10). Problemática que supera e, simultaneamente, estaria aquém dos diversos olhares investigativos acerca do social; radicaria no pressuposto mesmo de qualquer posição científica. Leitura examinadora que dessa maneira se situa num terreno bem diferente daquele sobre o qual se erguem as diferentes aproximações das ciências humanas e sociais; a perspectiva da filosofia é aqui o lugar do qual se interroga *O capital*. Acerca disso, Althusser é bastante claro quando refere retrospectivamente o esforço de entendimento empreendido sob sua inspiração, ao assinalar que “Nós éramos todos filósofos. Não tínhamos lido *O capital* como economistas, como historiadores. Não pusemos a *O capital* a questão nem de seu conteúdo econômico ou histórico, nem de sua simples ‘lógica’ interna” (ALTHUSSER, 1973, p. 10). A abordagem interpretativa de *O capital* a partir da perspectiva filosófica, ou seja, de sua fundamentação como obra supera mesmo aquela delimitada pela mera intelecção de sua forma discursiva imediata, e de cada de seus elementos como tal. Como pergunta pela fundamentação é esta mesma uma pergunta mais fundamental:

Ler *O capital* enquanto filósofo é exatamente colocar em questão o objeto específico de um discurso científico, e a relação específica deste discurso com seu objeto, é, portanto, pôr a unidade discurso-objeto, a questão dos cunhos [*titres*] epistemológicos, os quais distinguem esta unidade precisa de outras formas de unidade discurso-objeto (...) (ALTHUSSER, 1973, p. 11).

Tal interrogação de fundamentos, inquirição acerca do título de cidadania científica de um dado discurso, remete forçosamente, ao menos do ponto de vista de Althusser, àquela relativa ao estabelecimento de distinções do caráter de cada forma discursiva. Posição filosófica de um problema a partir da qual se devem estatuir rigorosamente os elementos por meio dos quais o discurso científico pode ser posto em relevo frente àqueles de caráter ideológico. Nesse contexto, “Marx apenas poderia tornar-se Marx fundando uma teoria da história e uma filosofia da distinção histórica entre a ideologia e a ciência” (ALTHUSSER, 1973, p. 14). A leitura do filósofo pretende exatamente flagrar conceitualmente as condições de possibilidade da cientificidade, aquelas que posicionam um discurso para além e criticamente frente aos demais que se remeteriam, em última instância, ao jogo de interesses em torno da manutenção, ou não, da ordem social vigente. Por esse motivo, “*Une lecture philosophique du Capital est donc tout le contraire d'une lecture innocente*” (ALTHUSSER, 1973, p. 12). O novo discurso marxiano teria se elevado ao nível da ciência na exata medida em que se afastaria das pressuposições conceituais pretensamente compartilhadas com aquelas posições filosóficas idealistas ou mesmo neo-hegelianas. Além disso, superaria pontos de vista acerca da fundamentação do conhecer que se filiariam, conscientemente ou não, às ideologias do mundo societário do capital então em consolidação, as quais se assentam na pressuposição de uma *transparência* quase natural do mundo concreto à percepção do sujeito (cf. ALTHUSSER, 1973, p. 14).

A diferença científica entre a *essência* e a *aparência dos fenômenos* assinalada por Marx³ é tomada na perspectiva althusseriana sob o viés da tematização da intransparência essencial e inevitável do mundo ao sujeito. As determinações descobertas pela analítica marxiana, as quais podem apresentar-se no nível do cotidiano e do imediato econômico de modo espelhado ou até invertido, acabam elas mesmas sendo entendidas como categorias do fetichismo.

Tal aproximação do discurso científico marxiano pressupõe mesmo uma particular posição acerca do *ler*, do ato de decifrar, ou atribuir, sentidos ao que se lê – seja o real, tomado como *Grand Livre*, seja um discurso qualquer tornado objeto. Propositura hermenêutica que deveria romper tanto com a ordem dos procedimentos tradicionais em filosofia quanto, e principalmente, com aquela dos pressupostos nela implicados. Ou seja, o abandono da segurança de um acesso efetivo e direto à objetividade dada. Segundo o pensador francês, o próprio Marx teria, com

³ “(...) alle Wissenschaft wäre überflüssig, wenn die Erscheinungsform und das Wesen der Dinge unmittelbar zusammenfielen” (MARX, 1993, p. 825).

a elaboração de sua cientificidade, na ruptura teórica com sua “obra de juventude”, essa nova posição, avançando nas trilhas abertas por Espinosa, na direção de *une philosophie de l'opacité de l'immédiat*. Nesse sentido, “nós podemos precisamente apreender nele, não somente no que diz, mas no que faz, a passagem de uma primeira ideia e prática da leitura a uma nova prática da leitura, e a uma teoria da história capaz de nos fornecer uma nova teoria do ler” (ALTHUSSER, 1973, p. 15). Marx teria sido ele também, no decurso de sua produção, *un lecteur* das obras da economia política, de seus momentos iniciais, como disciplina científica, até a sua consolidação como forma de cientificidade com Smith e Ricardo. Um leitor cuja prática “É uma leitura dupla – ou, antes de tudo, uma leitura a qual coloca em ação dois princípios de leitura radicalmente diferentes” (ALTHUSSER, 1973, p. 16). Primeiramente, uma leitura que tem como escopo fixar méritos e deméritos da aproximação científica de outrem, a partir dos pontos conquistados pela própria análise marxiana, tendo como fundamento, segundo Althusser, uma concepção de conhecimento que se arrima no *ver*, no ato de visualizar o objeto, identificando corretamente, ou não, suas características. Nesse contexto, “toda falha no sistema de conceitos (...) faz o conhecimento se encontrar reduzido a uma falha psicológica do ‘ver’” (ALTHUSSER, 1973, p. 17). O objeto mesmo da cognição se reduziria à *la simple condition de donné*. O outro padrão de leitura que se poderia encontrar na crítica da economia política da maturidade, conforme sustenta Althusser, pode ser considerado *un protocole de lecture par Marx de l'économie classique*. Uma leitura que não somente assinala *presenças e ausências, vistos e não-vistos*, mas desvela o próprio não ver como um modo inerente à cientificidade clássica, não como defeito ou lacuna a serem corrigidos, mas como caráter daquela cientificidade. Assim:

A partir dessa restauração de um enunciado portador de vazios, e dessa produção de sua questão a partir da resposta, é possível trazer à luz as razões que tenham em conta a cegueira da economia clássica sobre o que, no entanto, ela vê, portanto de seu não-ver interior a seu ver. (ALTHUSSER, 1973, p. 23)

Althusser afirma que o padrão científico de Marx inaugura, no campo da investigação sobre o social, com essa segunda leitura, uma nova concepção de cognição, pela qual se abandona “o mito especular da visão e da leitura imediatas e do conceber o conhecimento como produção” (ALTHUSSER, 1973, p. 23). O conhecimento adquire então o significado de uma *prática produtiva*, cuja *démarche* teria como momento inaugural a produção da própria questão, do *objeto* como tal. A crítica da economia política não seria, entre outras coisas, a assinalação de um equívoco de percepção de um *objeto preexistente* à análise, mas antes a fundamentação de um *objeto de análise*. Apoiava-se na afirmação marxiana consoante a

qual a distinção entre *trabalho* e *força de trabalho* não significava uma aproximação do “real”, mas antes que a análise da questão envolvia uma transformação de registro teórico. Assim, o que cabia “não era resolver o problema tal qual ele se apresenta ao ponto de partida, mas mudar-lhe completamente os termos”; assevera haver aquele ato inaugural epistêmico de *produção de um objeto científico*. Em outros termos, a diferenciação, não feita pela economia política, entre o ato de pôr valor, o qual *aparece* como trocado por salário, e o fundamento subjetivo concreto e vivo do pôr valor/mais-valor, cujo uso é *efetivamente* adquirido pelo capital, entre determinações aparentes e essenciais, equivaleria à criação de um objeto de conhecimento.

A produção do objeto de conhecimento assinala, então, que, uma vez posta em marcha a fundação de uma nova cientificidade, “Ces nouveaux objets et problèmes sont nécessairement invisibles dans le champ de la théorie existante”. A questão do *Standpunkt* social, que define as condições objetivas da “prática” dos cientistas, não entra em cômputo aqui, na delimitação do que determina a possibilidade do conhecimento científico. Esta comparecerá na figura da *ideologia* como expressão de uma adstrição à produção do saber teórico, provinda da sociabilidade, na qual se exprimem os confrontos dos interesses antagônicos. Confrontação esta que se realiza como combate de forças em situação de necessária assimetria, entre dominados e dominantes.

Deste modo, por meio da distinção dicotômica entre cientificidade e ideologia, a separação gnosiológica dos discursos exerce o papel de horizonte da reflexão. A questão da pertinência discursiva se resolveria obrigatoriamente pela identificação do elemento de fundamentação da cientificidade. O terreno das produções ideais é considerado, assim, um dado campo de ação tomado em separado, assentado na compreensão das dimensões do complexo da sociabilidade, da qual a cientificidade é um momento, como um de seus *campi*. Engendramento de um novo objeto que corresponderia, segundo Althusser, a uma revolução não no que tange à natureza das respostas às questões de uma ciência estabelecida – a economia política –, mas ao caráter das próprias questões. Nesse sentido, Marx, na leitura crítica dos economistas, foi levado a “formuler une *réponse sans question*” (ALTHUSSER, 1973, p. 30). Situação de inovação radical, no interior da qual a análise marxiana teria sido levada, frente à ausência *du concept adéquat propre à penser ce qu'il produisait*, que não poderia ser outro senão aquele da determinação da articulação entre estruturas e elementos, teve de lançar mão de conceitos e fórmulas antigas, as quais corresponderiam ao *Darstellungsweise* dialético. Marx estaria, na verdade, empreendendo um roteiro que o levaria do terreno ideológico, no qual ainda se assentavam as tentativas de compreensão científica da

sociabilidade, para um efetivamente científico, não obstante sem a clara percepção e, conseqüentemente, tematização disso. É exatamente essa lacuna, ausência, ou esse *silêncio*, do discurso que serve de parâmetro à leitura propugnada pela investigação althusseriana.

Althusser propugna examinar o texto marxiano no mesmo diapasão do que identifica como leitura *symptomal*: “num mesmo movimento, ela demonstra o indemonstrável no próprio texto, apresenta uma ausência necessária no primeiro” (ALTHUSSER, 1973, p. 29). Ou seja, uma leitura que vasculha as ausências, o *não dito*, que seriam indícios dos verdadeiros fundamentos do discurso. Forma de ler que se coaduna com o abandono também da suposição de um *sujeito* ao qual o mundo poderia aparecer em sua transparência, ou ainda do próprio sujeito como fundamento da cognição, uma vez que já não se trataria mais da crítica de um déficit individual. Desse modo:

A visão não é mais então o feito de um sujeito individual, dotado de uma faculdade de “ver” que ele exerceria seja na atenção, seja na distração; a visão é o feito de suas condições estruturais, a visão é a relação de reflexão imanente do campo da problemática sobre seus objetos e seus problemas. (ALTHUSSER, 1973, p. 25)

A partir dessa construção discursiva, arrimada nessa noção peculiar de *lecture*, Althusser busca enfim se aproximar de *la philosophie de Marx*. Pretende acercar-se de sua *etundue*, a qual não poderia, segundo ele, estar já dada, *en personne*, nas obras que demarcariam aquela *Coupure* com os modos de pensamento ideológicos da tradição. Seguindo indicações, temporais, de Engels, e hermenêuticas, de Lênin, o pensador francês pretende encontrar *la logique du Capital*, sobre a qual estaria edificada a apreensão propriamente científica da produção social capitalista, na leitura atenta da grande obra de maturidade (cf. ALTHUSSER, 1973, p. 33). Intenta no fim das contas a resposta fundamental e fundante da crítica da economia política, a qual remete à *inversão da dialética hegeliana*: “quelle est la différence spécifique qui distingue la dialectique marxiste de la dialectique hégélienne?” Questão esta que, segundo o pesquisador da *École Normale*, Marx não teria posto, mas que teria respondido.

Neste contexto, a fundamentação do discurso científico do marxismo teria permanecido latente, ativa, mas inconsciente, não tematizada ou abordada como tal. Althusser “lê” a sentença segundo a qual a dialética em Hegel *Sie steht bei ihm auf dem Kopf*, como apenas uma *métaphore*, a qual remeteria a outra como sua solução de caráter tão somente verbal – *Man muß sie umstülpen, um den rationellen Kern in der mystischen Hülle zu entdecken* –, em que seria possível inferir uma *absence du concept sous le mot*. Nesse diapasão, tanto o que precede

quanto aquilo que se segue à observação marxiana acerca da *Mystifikation* da apreensão categorial da contradição na forma de ser, e do ser, que a filosofia hegeliana perpetra ao versá-la no viés do absoluto acaba sendo praticamente ignorado. O caráter mais fundamental da crítica marxiana, o qual se encontra enunciado quando se explicita, sucintamente, o modo especulativo de tomar a efetividade finita e concreta, está já de certa maneira enunciado, e com este a distinção também no terreno da cientificidade. A *differentia specifica* não se dá na maturidade, como nunca se deu nas fases de elaboração mais iniciais do pensamento marxiano, no âmbito da fundamentação epistêmica, mas da delimitação do estatuto de ser da realidade.

Duas questões diferentes, ainda que interdependentes, guiam *la lecture* de Althusser. Ambas declaradamente externas ao texto marxiano, porquanto encontram sua validade definida por um parâmetro não explicitamente dado ou indicado pelos escritos de Marx. Não obstante haja o esforço hermenêutico de assentar o balizamento de leitura pela remissão atributiva do talhe *sintomático* na crítica marxiana aos economistas clássicos e vulgares, tal recurso apenas atenua, mas não anula, o fato de a leitura assim propugnada advir de uma circunscrição estranha ao próprio pensamento marxiano. De certo modo, a *soupeçon* imputada ao padrão de reflexão marxiano é voltada contra este, como modo de investigação do seu discurso. O *não dito* passa a valer mais que o explicitado como pista de inteligência. Cabe à leitura flagrar, pelo comportamento sintomático posto semântica e epistemicamente, aquilo que não se declara, mas constitui o verdadeiro do discurso:

Trata-se, por conseguinte, de produzir, no sentido mais preciso da palavra, o qual parece significar: tornar manifesto o que está latente; antes ainda quer dizer transformar (para dar a uma matéria preexistente a forma de um objeto ajustado a um fim) o que, em um sentido, *já existe*. (ALTHUSSER, 1973, p. 37)

Resta inquirir aqui se Althusser, ao menos o de *Lire Le capital*, não troca um mito por outro. À pretensa narrativa fabulosa de uma verdade transparente que se ofereça à simples abordagem do “olhar” (ALTHUSSER, 1973, pp. 40-1) – presente na *conception empiriste de la connaissance* – parece contrapor outra, que versa sobre o pecado original do logos, o encobrimento fatal posto pela intransparência do discurso ao ente que o engendra. Não se trata, evidentemente, de um mito *trágico* ou *psicológico*, mas social, o problema, em última instância, do *ideológico*. No curso de uma exposição crítica do empirismo, Althusser arma, no fundo, uma recusa da noção mesma de abstração, tomada num sentido unívoco, aquele que lhe deu a tradição da filosofia das sensações e do *feeling*. E dessa sua recusa se transfere à de *abstração real*. O conhecimento estaria já posto no real, à espera de que venha a ser

“extraído” pelo tatear do entendimento conceitual exercitado como generalização das impressões sensoriais.

Na realização de seu intento judicioso, o filósofo francês faz que a forma empiricista de tomar as coisas seja no fundo a nota dominante, retomada e desenvolvida nas mais diversas modalidades sonoras da história da filosofia. Mesmo a ilusão hegeliana do concreto realmente existente como resultado da posição da razão é reportada nesse quadro de referências (cf. ALTHUSSER, 1973, p. 46). Resulta, além disso, que Althusser, na sustentação de sua tese, da radical reconfiguração metodológico-discursiva feita por Marx – a criação de uma ciência sobre o capital, propriamente dita –, ultrapassa o próprio diagnóstico marxiano sobre a economia política. Porquanto coloque todo o itinerário da economia política como precedente à posição do objeto como tal, acaba por identificar as diversas posições científicas – ajuizadas por Marx como insatisfatórias, incompletas ou ambíguas (pensar na duplicidade da determinação do trabalho produtivo em Smith, por exemplo) – com posições ideológicas. Nesse sentido, enuncia o *télos* da própria *leitura* de *O capital*: “pôr o problema das condições da cesura epistemológica que inaugura toda ciência, isto é, para retomar a terminologia clássica, o problema das condições da descoberta científica, e que nos é requerido pôr também com relação a Marx” (ALTHUSSER, 1973, p. 53). O que, curiosamente, repõe a discussão althusseriana, não obstante a alteração dos pressupostos, no terreno o mais clássico da teoria filosófica do conhecimento.

É importante ressaltar que, conquanto isso, a argumentação althusseriana se propõe a criticamente estabelecer as bases de uma compreensão *prática* do conhecimento, como atuação metódica de produção teórica – do objeto ao conceito – oposta à concepção estática da tradição empiricista. Mas parece não ver que *abstrair* é um ato não de um *sujeito racional autônomo* ou *suporte abstrato de impressões*, mas de um ente vivo, atuante e socialmente determinado em Marx; que o sujeito, consoante a reflexão marxiana, é antes de tudo *um objeto real* no seu modo socialmente ativo de ser frente à mundanidade, e não um *cogito desencarnado*.

Afora isso, Althusser também toma a distinção entre a *forma de o concreto se constituir* e aquela da sua constituição como objeto *no pensamento* como uma distinção atinente apenas entre *Gegenstand* e *Objekt*, como uma diferenciação cujo escopo se situa imediatamente na esfera do conhecer. Parece não levar muito em conta a delimitação marxiana do *Konkretum* mesmo, imediatamente dado, como uma *Zusammenfassung vieler Bestimmungen*. Há, em Marx, o reconhecimento de um caráter de por-si ao concreto dado, o qual o *Gedankenkonkretum*

deve, a seu modo, reproduzir. Althusser entende a questão do *Standpunkt* a partir do qual os cientistas (ou grupos de cientistas) colaboram ou competem entre si, a sua *posição determinada*, como algo que se remete diretamente a um sistema de divisão social de produção teórica. Esta, de modo análogo àquele pelo qual os indivíduos se distribuem em classes sociais e ramos de produção material, repartiria funções de caráter epistêmico ou espiritual, o entendimento e a explicação da realidade, entre indivíduos como pensadores, cientistas etc. A realidade que à cientificidade cabe apreender aparece determinando e limitando, em essência, a tarefa mesma de sua compreensão. O que poderia tender a quase um interdito ao acesso objetivo ao mundo social (cf. ALTHUSSER, 1973, pp. 47-9). Não obstante a estruturação adquirida pelo modo de produção do capital, a qual vai sendo constituída historicamente, diversificando-se etc., exprimir-se também como organização complexa da divisão social da produção ideal, não parece que a analogia possa ser levada adiante, ao menos a partir de Marx, em sentido absoluto. As respostas a problemas da produção obtidas do *Standpunkt* do capital não são necessariamente *falsas*, *enviesadas* ou tão somente *ideológicas*, nem mesmo respondem apenas a demandas da propriedade privada como tal, como pode ser observado na avaliação feita por Marx acerca das posições de Ricardo.

Em Marx, a objetividade científica aparece determinada e condicionada, mas não necessariamente interdita. As condições sociais objetivas de compreensão científica da realidade têm um peso específico que amplia ou alarga os horizontes da possibilidade de apropriação do concreto e de sua transformação em concreto pensado, mas esta grandeza vetorial não se exerce aqui somente em sentido negativo. A transformação das condições sociais de produção da vida pode resultar ou bem numa abertura maior à inteligência, ou bem pode ter como consequência o impedimento mesmo do entendimento. Como tal o sentido e a direção da força exercida pelo social podem variar inteiramente, tanto dependendo da posição do(s) sujeito(s) concreto(s) que enfrenta(m) a efetividade social quanto das transformações que a forma de existência desta última venha a sofrer.

Nesse sentido, mesmo tendo razão ao pontuar determinados problemas, como o do duplice afastamento que identifica na cientificidade marxiana com relação a certos padrões da tradição filosófica – nomeadamente, a especulação hegeliana e o historicismo –, Althusser, partindo de sua concepção de uma separação (mais que uma mera diferença) entre objeto real e aquele do conhecimento, parece não tomar a *Gliederung* como um complexo real. Ou seja, como uma síntese, por assim dizer, *dada* na efetividade imediata, mas apenas como

resultado/fundamento teoricamente posto. Verifica-se uma recusa decidida em reconhecer à cientificidade de Marx uma pressuposição qualquer de natureza não epistemológica, anterior à questão da fundamentação metodológica. Nesse contexto, à observação marxiana de que as categorias da produção capitalista não se esclarecem com a montagem de sua história, mas com o remetimento destas à articulação recíproca que assumem *um ihre Gliederung innerhalb der modernen bürgerlichen Gesellschaft*, apõe o seguinte desdobramento “explicativo”: “É justamente essa *Gliederung*, esta totalidade-articulada-de-pensamento que se trata de produzir no conhecimento, como objeto do conhecimento para alcançar o conhecimento da *Gliederung* real, da totalidade-articulada real, a qual constitui a existência da sociedade burguesa” (ALTHUSSER, 1973, p. 56). O problema reside precisamente em considerar na imediatidade a *Gliederung* uma construção importante para a elaboração científica, se não apenas, principalmente do pensamento. Como já se viu na sua crítica do empirismo, a abordagem althusseriana dá a impressão de tomar toda e qualquer referência à identificação de uma totalidade sintética de determinações anterior à dimensão do conhecimento como *metafísica do sujeito*. Não obstante reconheça explicitamente a existência da articulação real, não parece concebê-la como metro da cientificidade. O ato de pôr o objeto da ciência não possui, para Althusser, outro caráter senão o epistêmico. A fundamentação, ainda que por veios diametralmente opostos aos da tradição desde Descartes, continua a ser o momento determinativo da compreensão do concreto. O principal desafio nesse sentido é o de compreender, antes de mais, o estatuto das próprias categorias em seus diferentes níveis. A existência efetiva daquelas, primeiramente, como momentos da coisa, e depois como elementos mentalmente separados, e depois como conceitos articulados etc. O que implicaria o reconhecimento de uma conexão mais que circunstancial entre conceito e coisa, uma relação de remetimento ontológico da categoria ao concreto. Em Althusser, entretanto a cientificidade seria atinente apenas a estas na submissão a um dado esquema epistêmico. Não por acaso, somente tangencialmente o *rückwärts angetretene Reise* marxiano poderia ser referido. No entanto, explicitamente, na discussão do *caminho* do conhecimento, este é apontado por Marx como a *differentia specifica* de seu modo de proceder cientificamente não somente em relação à economia política, mas também aos modos idealistas de abordar a questão da relação entre *Gedankenkonkretum* e *Konkretum* (MARX, 1983, p. 35). *Differentia specifica* que radica não numa propositura de caráter epistemológico, mas na identificação da determinação histórica concreta dos próprios objetos. Para Althusser, a articulação da produção do conhecimento e da configuração *teórica* de seu

objeto parece não ter em si um lugar cabível para o referimento da objetividade exterior e anterior à ciência. É uma *prática* cujos parâmetros como prática propriamente dita (ou seja, não se levando em conta a sua determinação pelos vetores adstringentes da sociabilidade capitalista) têm um caráter endógeno. Não se trata aqui, evidentemente, de postulados psicológicos ou neurofuncionais, mas do tracejamento de uma *lógica discursiva*. Encadeamento fundador de cientificidade que, da posição do objeto – por meio da *resposta sem pergunta* – à do método, encaminha no sentido de uma separação irremediável para com a finitude imediata. Em alguns aspectos, a menção à relação mesma do conhecimento estruturado, ou da estruturação do ato de conhecer, com *o real* possui um aroma ideológico. A intransparência radical da efetividade surge, ela mesma, como um postulado da cientificidade. A ideia de uma aproximação contínua, não necessariamente “progressiva”, da ciência ao que é dado, por meio do abstrair, reduz-se à concepção ideológica das *Luzes*; uma retomada do *empirismo*.

Nos momentos em que defronta a questão da relação entre a categoria como objeto do conhecimento e o real, Althusser remete-a sem mais àquela da *sucessão* ou da *gênese históricas* das categorias. O historicamente posto, como totalidade complexa e dinâmica de categorias, configurando um modo *atualmente existente* da produção, que como tal é algo de determinado, não encontra guarida na reflexão crítica do autor francês. A pista analógica para compreender a *Umkehrung* da forma da dialética em Hegel somente encontraria algum sentido quando se afasta – como o faz acertadamente Althusser – de qualquer sentido lógico específico, mas também se remetida à ordem de distinções teóricas anterior à epistemológica: a esfera atinente ao reconhecimento do estatuto de ser da efetividade que se pretende explicar cientificamente. Assim como a conversão da finitude em momento do desdobramento da *Idée* não é uma postulação epistemológica, sua crítica igualmente não o é. Não há, assim, somente *la logique du Capital*, entendida justamente como exposição articulada das categorias em sua ordem necessária no sistema do capital, a sustentar teoricamente a crítica da economia política em sua feição mais madura; há também, e antes, como fundamento da própria analítica das formas e das categorias, uma pressuposição da qual parte Marx, e que é indemonstrável no interior da crítica da economia política. Propositura fundamental, ainda que não ao modo de uma fundamentação epistêmica, que é ela mesma conquista do conhecimento obtido a duras penas, e no roteiro da história humana, extremamente complexo e problemático, de desvendamento racional e científico da efetividade do mundo. A assertiva da prioridade do ser em relação à consciência e, mais ainda, deste como um por-si, como processo e/ou ente objetivamente

dados, é um posicionamento teórico – que não é uma mera postura ou disposição equivalente a tantas outras – que depende como tal do que a cientificidade e a reflexão desta, acumuladas historicamente, permite concluir. Nesse sentido, é uma *posição* em sentido forte, *Standpunkt*, que se alcança a partir dos resultados obtidos pelo próprio exercício histórico, inconcludente e indefinido da cientificidade. Denomine-se isso ou não pelo termo *materialismo*, ou por qualquer outro, não altera em nada a questão. Nem mesmo oblitera-la discursivamente no empuxo de problemas ou de concepções dominantes em dado momento acadêmico ou político resolve-a adequadamente.

No fim das contas, a questão de fundo aqui seria antes se interrogar se a posição marxiana de cientificidade, independentemente de seu acerto ou eficácia teóricos, coaduna-se com a pergunta feita a ela. O problema da fundamentação *gnosioepistêmica* da teoria seria um problema marxiano? Ou ao menos intrínseco ao pensamento de Marx, posto na ordem do dia por ele mesmo? Althusser não foge da questão, ao contrário, assume-a em sua resposta negativa e se propõe a realizar, num novo registro, com o próprio pensamento marxiano o que este teria efetuado com o seu *discurso-objeto*, com a economia política. A questão que, em realidade, anima a formulação althusseriana é a da construção de uma *théorie de l'histoire du théorique* (ALTHUSSER, 1973, p. 58). Nesse diapasão, o problema nodal é pôr o objeto mesmo dessa teoria da cientificidade, partindo de um novo *discurso-objeto*, a crítica da economia política.

Como consequência disso, conquanto indique a improcedência da propositura de uma *inversão lógica* da dialética hegeliana, não a considerando mais que um recurso analógico utilizado expositivamente por Marx, Althusser repete o que se observa na maior parte das aproximações interpretativas à obra marxiana. Verifica-se a consideração de que o decisivo seria compreender o “caractere complexe et original de l'ordre de démonstration qu'il instaure en économie politique” (ALTHUSSER, 1973, p. 58).

O *modo de apresentação* das categorias, e da articulação das formas de ser, acaba por sobrepor-se ao *modo de pesquisa*. Porquanto este modo tenha um caráter eminentemente analítico, não pode prescindir de seu referimento à efetividade a ser reproduzida na forma do *Gedankenkonkretum*. Acerca do *Forschungsweise*, Althusser, em coerência com sua propositura de transmutar em *lecture* o esforço de cientificidade acerca do social, descreve-o como “la recherche concrète que Marx a effectuée pendant des années sur les documents existants”. Ou seja, não toma a questão da analítica das formas de ser atual, do existente, das *Daseinsformen*, propriamente dita, senão pela via transversa do enfrentamento de outros discursos. À mercadoria restaria então ser uma

categoria discursiva, não se trataria, portanto, de uma forma social efetiva de existir que os produtos do trabalho assumem no interior do modo de produção do capital. Por consequência, a análise mesma já se entende como uma forma discursiva. Althusser afirma textualmente a esse respeito que ambos os *Weisen*, o “*méthode d'analyse, dont parle Marx, fait un avec le mode d'exposition*” – quando, conforme o próprio Marx o declara, ao reverso, seria necessário distingui-los. A relação entre ambas as instâncias da cientificidade – operação analítica e discurso – se complica demasiadamente, muito além da complexidade efetiva que possuem na crítica marxiana da economia. A identificação do caráter próprio do padrão científico de Marx, que se pretendia rigorosa e precisa, resulta tornar-se oscilante e vacilante:

Se pudemos estabelecer, com muitas provas para afirmá-lo, que o discurso de Marx é em seu princípio estranho ao discurso de Hegel, que sua dialética (o posfácio o identifica ao modo de exposição do qual falamos) é de todo diferente da dialética hegeliana, nós não fomos muito longe. Estamos muito longe de ver de onde Marx havia tomado este método de análise que ele dá como preexistente – não pusemos a questão de saber se Marx, longe de tomá-lo emprestado, não teria propriamente inventado este método de análise, o qual ele pensava ter somente aplicado. (ALTHUSSER, 1973, p. 59)

O que torna a situação ainda mais curiosa, quando Marx, em certos momentos, valendo-se da metáfora do anatomista, e do cotejamento com outros ramos da cientificidade (como a química), aponta alguns indícios na direção talvez mais frutífera e apropriada (MARX, 1998, pp. 11-2). A *abstração*, como coisa produzida pela mediação da atividade de um cérebro humano vivo, a abstração como atividade de extração de determinações, substitui os métodos e elementos objetivos das ciências voltadas aos complexos existentes naturais. E isso em nome da regência da própria coisa investigada – um determinado modo de produção social da vida humana –, e não em virtude de uma eleição epistêmica.

Referências bibliográficas

ALTHUSSER, Louis. *Pour Marx*. Paris: Maspero, 1965.

_____. *Lire Le capital*. Paris: Maspero, 1973.

DOSSE, François. *História do estruturalismo* v. II. São Paulo: Ensaio, 1993.

HEGEL, Georg. *Science de la logique*. Paris: Aubier Montaigne, 1972-1981. 2 t.

MARX, Karl. “Einleitung zun den Grundrisse der polistischen Ökonomie”. *In: Marx-Engels Werke* Band 42. Berlim: Dietz Verlag, 1983.

_____. “Das Kapital, drittel Buch”. In: *Marx-Engels Werke* Band 25. Dietz Verlag: Berlim, 1993.

_____. “Das Kapital, erster Buch - Kritik der politischen Ökonomie”. In: *Marx/Engels Werke* Band 23. Berlim: Dietz Verlag, 1998.

Como citar:

ALVES, Antonio José Lopes. *A coupure* como segredo do entendimento e o desentendimento das categorias: Althusser e a cientificidade de Marx. *Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas*, Rio das Ostras, v. 24, n. 1, pp. 139-155, abr./2018.

Data de envio: 19/3/2018

Data de aceite: 9/4/2018